

Igreja dos Santos Cosme e Damião em Igarauçu

*José Luiz da Mota Meneses**

RESUMO: A Igreja dos Santos médicos, Cosme e Damião, tem sido considerada a mais antiga do Brasil. O autor, embora não conteste tal declaração, demonstra que tal assertiva é destituída de maior comprovação. Ao localizar o monumento, descreve o processo de desenvolvimento urbano da cidade e traça a história do edifício e suas transformações ao longo de sua existência. Analisa o papel que deveria ter um arqueólogo na restauração. Os procedimentos empregados pelo órgão público responsável por esta restauração também é estudado.

Palavras-chave: Restauração, Desenvolvimento urbano, Arqueologia histórica.

ABSTRACT: The church of the medical Saints, Cosme e Damião; has been considered the most ancient in Brasil. Although the author doesn't oppose such statement, he finds that this fact needs to be confirmed. The monument describes the urban development process of the city, outlines the building construction, and its trajectory through the time. He analyzes the role an archeologist should have in the process of the restoration. The procedures taken by the public institution in the process of restoration is studied as well.

Palavras-chave:

ABSTRACT: Process of restauration, Urban development, Historical archaeology.

1. Localização do edifício.

Duarte Coelho Pereira, assim informam os documentos, chega a Pernambuco, com grossa armada, em 1635, e se dirige, ao entrar pela barra da ilha de Itamaracá e tomar a direção de um Rio, (depois chamado de Igarauçu), para uma antiga feitoria,

* Universidade Federal de Pernambuco

onde desembarca. Ao tomar posse da Capitania nela se estabelece por algum tempo, no lugar, depois chamado "dos Marcos", por conta do Padrão demarcador e do limite com a vizinha Capitania de Pero Lopes de Sousa.

O lugar, abrigado dos efeitos das fortes marés, era, no entanto inseguro, vez que podia o donatário ser aprisionado, se houvesse cerco, apenas, pelo mar, fechando os dois extremos, Norte e Sul da ilha de Itamaracá.

Do lugar dos Marcos o donatário procurou outro local para estabelecer a vila sede de sua capitania. Mais ao sul na costa, em uma elevação vem encontrar o lugar desejado, inclusive onde, mais além, ainda na mesma direção, havia porto abrigado, protegido por arrecifes. Antes de 12 de março de 1537, considerando a data da Carta de doação o chamado Foral de Olinda, deveria já estar instalado nesse novo lugar. A cavaleiro do mar, com uma bela vista, escolhe o donatário o local, uma colina para a torre de defesa e a cerca que envolve, protegendo a igreja matriz e o casario.

Mas, é bem provável que o donatário tenha tomado a iniciativa de buscar outro lugar para a sua vila, depois de verificar a insegurança daquela que pretendia fundar e que chamaria de Santa Cruz, e que estava próxima ao local dos marcos. Tudo leva a crer que ela não passou de uma pretensão, apenas de se ter dado termo e nome.

A proteção dos limites, talvez contra os exploradores do Pau Brasil e degredados, levou, no entanto, Duarte Coelho a seguir o Rio acima e numa elevação mais a Oeste da saída do mesmo rio no canal que isola a Ilha de Itamaracá do continente, ser criada uma povoação, depois vila, que seria designada como a dos Cosmos, por conta da vitória sobre os índios, a 27 de setembro, dia dos Santos Cosme e Damião. O lugar acessível por barcos, desde aquele canal, também designado, nome que

prevaleceu, de IGARA-AÇÚ, barco grande, por ter porto fluvial onde os índios viam ancorados tais embarcações. Pereira da Costa, nos Anais Pernambucanos, identifica a vila de Santa Cruz com a de Igarauçu, o que parece não ser segura identificação. Acreditamos que a vila de Santa Cruz foi projeto não realizado, por questões naturais de segurança, inclusive ainda visíveis nas narrativas do século XVII, quando anônimo relata que a escolha de Olinda se deveu ao cuidado de Duarte Coelho em não "*quedar cativo*" no lugar dos Marcos.

O Historiador José Antonio Gonsalves de Mello, em seus comentários as Cartas de Duarte Coelho, cita uma provisão de 2 de setembro de 1656, onde "*Jorge de Albuquerque Coelho, Capitão e Governador da Capitania de Pernambuco da Nova Luzitânia nas partes do Brasil por El Rei Nosso Senhor, etc. Faço saber que Duarte Coelho Pereira meu senhor e Pai, que Deus tem, ao tempo que foi povoar e conquistar a dita Capitania, parecendo-lhe que em Santa Cruz, que é o lugar e sítio que se chama os Marcos, que dividem a dita minha Capitania da de Itamaracá, se fizesse uma vila, fez mercê à dita vila de Santa Cruz de todas as terras e marinhas do Rio Doce até Jaguaribe, e porque a dita vila de Santa Cruz se não fez, nem há lá para moradores dela poderem gozar das ditas terras que lhes estavam dadas pelo dito Senhor na sobredita maneira*" (1)

A vila de Igarauçu, não discutimos aqui a sua antiguidade ou primazia quanto a de Olinda, tem sua história conhecida e ligada ao vianez Afonso Gonçalves, o qual está vinculado a fundação de uma igreja dedicada aos Santos médicos, por razões conhecidas de vitórias sobre os índios, conforme outros documentos. Afonso Gonçalves, em carta de 1548 ao Rei, transcrita parcialmente pelo historiador, antes citado, Gonsalves de Mello, refere-se a essa igreja da seguinte forma: "*Senhor a igreja desta minha fazenda que lhe dei conta...eu quisera adquirir os dízimos desta igreja para gastar nela e em cousas*

necessárias para o culto divino e ornamentos, pois sou o fundador dela e a fiz às minhas custas próprias...e tive nela um padre que é obrigado a dizer missa e confessar gente desta minha povoação tão grande como estaestar sem igreja e clérigo que os confesse e lhes diga missa".(2)

Assim, a igreja é referida em 1548 como fundada pelo vianêz e ela era a principal daquela povoação que, diferentemente da vila de Santa Cruz, se efetivara graças ao esforço de Afonso Gonçalves e a situação privilegiada, com acesso desde o mar, pelo rio Igaracú .A vila de Igaracú , antes povoação, é referida no século XVII como "*Muito nobre e sempre leal e mais antiga Vila de Santa Cruz e Santos Cosme e Damião de Igaracú* ", o que lhe dá, enquanto designação, o título de sucessora da então não criada vila de Santa Cruz, associado ao de sua real denominação de Santos Cosme e Damião, a "*dos COSMOS*", com o nome final, aceito definitivamente de Igaracú .

O rio Igaracú, estreita-se e recebe o afluente Monjope e neste ponto se encontrava, provavelmente, o trapiche onde ancoravam, no século XVI, os barcos, em lugar próximo ao da atual ponte de passagem sobre o mesmo rio junto a cidade. Desse trapiche se tinha acesso ao trecho mais elevado, o alto da colina onde se construiu aquela igreja referida anteriormente, dos Santos Cosme e Damião.Junto ao cais de desembarque e embarque deve ter se organizado pequeno casario, mas, é na parte alta onde vai se localizar o grosso das moradias.O tipo de organização urbana definido não seria novidade e seu desenho era muito frequente: igreja, largo, casario, onde se encontrava o restante dos edifícios públicos, o açougue, a ferraria, a câmara, além da casa da governadoria.Em Igaracú , uma longa rua liga a igreja matriz, de um lado, à igreja de N.Sa. da Misericórdia, do outro. A parte elevada da colina define a direção do arruado.Da mesma forma seriam Serinhaem e, muito ao Sul, Alagoas, conforme se pode ver

em mapas, das duas aglomerações urbanas que ilustram o livro de Gaspar Barleus, em gravuras do século XVII.(3)

Do largo da Igreja dos Santos Médicos se seguia para o prédio da Câmara e Cadeia, em rua secundária .

A Igreja, fundada pelo vianês Afonso Gonçalves, situava-se voltada para essa rua e assim a vemos em desenhos, gravuras e pinturas de Frans Post, pintor da comitiva do Conde João Maurício de Nassau, que nos dão aspectos da cidade entre 1637 e 1643.(4)

Nas partes baixas da vila, junto ao ancoradouro, se localizará depois o convento dos frades de São Francisco, este também representado por aquele artista.

2.História e Arte.

A referência, em carta, do vianês Afonso Gonçalves, a existência de uma igreja "*desta minha fazenda*", para a qual desejava adquirir os dizimos, com o objetivo de ornamenta-la nos leva a considerar a fundação da Igreja dos santos médicos anterior a 1548.Assim acreditamos que ela foi fruto dos primeiros momentos da ocupação daquelas terras à margem de um rio, depois chamado de Igaraçu , é consequência natural da vitória contra índios, naquele lugar instalados, alcançada no dia 27 de setembro.Tal procedimento lusitano, o de nomear com um dos santos do dia os acontecimentos, quer a descoberta de acidentes geográficos ou a fundação de vilas, igrejas ou outro qualquer fato, era usual e disto se tem inúmeros exemplos no Brasil e no resto do mundo conquistado pelos portugueses.

Da sua antiguidade a igreja dá um forte testemunho material, porquanto ainda resta de um seu antigo retábulo de altar, provavelmente o principal, o mor, em pedra, um pedaço do entablamento, guardado em um cômodo colado ao fundo da capela-mor.

Trata-se de um trabalho primoroso, executado em calcário, e com detalhes que o filia a outros notáveis retábulos , também em pedra lavrada, todos pertencentes ao período que compreende desde a segunda metade do século XVI até o primeiro quartel do seguinte.O pequeno trecho encontrado , quando das obras de restauração da igreja, procedidas pelo Serviço do Patrimnio Histórico e Artístico Nacional, em 1954, foi resgatado, com outros pedaços de pedra, no interior de uma das paredes laterais da mesma igreja, no corpo da nave, lado da antiga Epístola, e guardado no próprio templo(5) .Não restam dúvidas, diante da análise do fragmento, que ele se inclui entre aqueles trabalhos de cantaria que enriqueceram os interiores de igrejas e capelas construídas no primeiro século da colonização, entre os quais citaríamos os retábulos da igreja de N.Sa. da Graça, do extinto Colégio dos Jesuitas de Olinda;o retábulo da primeira capela lateral da igreja de N.Sa. do Carmo, remanescente do Convento dos carmelitas de Olinda;o retábulo da igreja do Convento dos carmelitas da vila de N.Sa. de Nazaré, no Cabo de santo Agostinho e os restos, também fragmentos, de peças trabalhadas, encontrados no Mosteiro de São Bento, em Olinda. Também se incluem entre as peças de pedra todo o conjunto de partes de altares, recentemente achado nos interiores de paredes reconstruídas, da antiga capela-mor do Convento dos franciscanos, dedicado a Santo António, da própria cidade de Igaracú .Tais peças, valiosíssimas, se incluem em um notável "*corpus*" de obras de cantaria trabalhadas nos dois primeiros séculos da colonização no Nordeste.Essa pequena parte, de um retábulo, encontrada em Igaracú , é o melhor documento da antiguidade da igreja, em termos artísticos.

O fragmento de altar referido foi encontrado quando se removiam ossuários das paredes da nave, naquelas obras de restauração citadas, realizadas em 1954.Ao se remover o reboco da parede lateral, encontrou-se o fragmento, reaproveitado como pedra necessária para a construção da mesma.Este procedimento,

o de reaproveitar peças em desuso para novas edificações, foi usual naquela fase de reconstruções decorrentes de reformas e ampliações em antigos edifícios. Ao se reformular as dimensões de uma capela, a transformando em igreja maior, por exemplo, quando se demolia a existente, total ou parcialmente, a necessidade de material de construção, levava os construtores a reutilizar os materiais antigos, quer as pedras sem nenhum trabalho, que não serviam mais, ou aquelas elaboradas, já fora de moda. Em alguns casos, fazia-se o reaproveitamento, mas, em se tratando de retábulos, o preferível, quando de cantaria, era quebrar e usar os restos em novas obras. Não havia sentido de preservar o antigo, inclusive se este não respondia ao gosto da época, salvo por medidas de economia, isto é, sendo útil para a nova obra. Dessa forma foi o procedimento nas obras de ampliação da igreja de N.Sa. dos Prazeres, em Guararapes, Jaboatão, e na própria cidade de Igaraçu, no Convento de Santo Antônio, onde, como dissemos, foram encontrados inúmeros fragmentos de altares, quebrados quando da ampliação do cenóbio antigo, e reaproveitados como pedras comuns de execução das novas paredes. Dessa mesma maneira se fez em João pessoa, Paraíba, nas obras de ampliação do Convento dos franciscanos.

Outro testemunho de tal antiguidade o temos nas representações, em pinturas, gravuras e desenhos, do pintor Frans Post (1612-1680), participante do governo do Conde João Maurício de Nassau, na qualidade de artista.(6)

Em tais produções artísticas, o pintor nos mostra a igreja tendo, geralmente, ao fundo o Convento de Santo Antônio, dos frades franciscanos. A posição do artista, quando fixou a cena, é ligeiramente inclinada em relação à frente da igreja. Nessa posição pode-se ver, além dessa contrafacção, a parte lateral da igreja.

Ao se analisar a frontaria da igreja, considerando as suas proporções e a relação entre as dimensões do pórtico principal, de entrada no templo, e a igreja atual, somos levados a crer que as medidas, antigas, isto é, as da igreja constantes nos desenhos e pinturas de Frans Post, da nave e capela-mor, foram mantidas nas reformas posteriores.

Germain Bazin, ao escrever sobre a igreja assinala, com razão, ser o atual pórtico, em calcário, aquele que se vê representado, nos trabalhos de Frans Post, significativamente, por três vezes, sem variações, comuns nesse pintor. Respeitou o artista as dimensões e formas da igreja em tais representações, as quais deve ter tido por matriz aquele desenho feito do natural, quando esteve em Igaráçu. No Museu Britânico guardam-se 32 desenhos, um dos quais titulado "GARASU", que deve ter servido para as gravuras ilustradoras do livro, conhecido, de Gaspar Barlaeus, sobre a estada, no Brasil do Conde João Maurício de Nassau. A composição artística desse desenho é absolutamente idêntica àquela das quatro pinturas conhecidas da cidade. Estas quatro pinturas devem ter sido realizadas a partir de desenho, em cadernos de modelos, levados do Brasil pelo artista. Das pinturas consideradas uma delas traz a data de 1659, sendo todas assinadas.

Nos atendo a tais elementos referidos podemos dizer que aquela igreja fixada artisticamente pelo pintor Post, se inclui no clássico modelo lusitano para construções religiosas, desde a segunda metade do século XVI até a primeira metade do XVII, onde a arquitetura ainda não tinha sido marcada, no exterior, pelo decorativo do Barroco.

A igreja dos Santos médicos, em Igaráçu, nessa primeira metade do século XVII, apresentava um corpo constituído de nave e capela-mor, devendo ter sacristia, provavelmente colada ao lado da mesma capela-mor. Nos trabalhos de Post é-nos difícil assegurar de qual dos lados, no entretanto, acreditamos ter sido

do lado da antiga Epístola, diante de ainda se manter fácil circulação entre os dois cômodos considerados.

Considerando a igreja e o sistema construtivo existente, a capela-mor sempre teve abóbada de berço, em alvenaria de tijolos, e nave coberta com telhas, com estrutura de suporte de madeira.

A igreja vista nas pinturas, gravuras e desenhos de F.Post, tem fachada principal muito simples sendo delimitada, lateralmente, por pilastras, os cunhais, de ordem toscana, que sustentam o arremate que, por sua vez, define, trabalhado, a inclinação do telhado. Não há frontão triangular, clássico, inclusive com tímpano, e sim apenas um óculo, à maneira de igrejas românicas portuguesas, na parte da empena. Em uma das quatro pinturas se vê a igreja com frontão triangular e tímpano, mas acreditamos não ser uma representação fiel àquele modelo levado para a Europa pelo pintor e sim uma de suas fantasias. Nesta pintura a igreja aparece sem o pórtico, o que contradiz as demais representações. Por outro lado as proporções foram alteradas em relação àquele desenho do Museu Britânico.(7)

A lateral da igreja, parte do antigo Evangelho, no representado por Frans Post, possui janelas altas e estreitas, provavelmente seteiras, frestas, comuns no período.

No centro da fachada principal o pórtico, idêntico, em todas as representações, marca o eixo de simetria. Não há janelas na altura do coro, o qual deveria ser iluminado através daquele óculo antes referido. Tal forma era comum em edifícios semelhantes na península ibérica.

É bem provável que a igreja vista na documentação de Post não seja aquela construída pelo vianês Afonso Gonçalves. As condições da Capitania naquela 1ª metade do século XVI não

permitiam construção de tal porte. No entanto podemos assegurar que o local da construção é o mesmo.

É de presumir ter sido o primeiro edifício pequeno, simples capela, de logo ampliada, quando melhores condições permitiram aos moradores e aos mais favorecidos, beneficiar a igreja. A capela-mor atual, em abóbada de berço de alvenaria de tijolos, é bem ao gosto, inclusive na sua decoração pintada no intradorso, da segunda metade do século XVI, e tudo nos leva a crer ser anterior àquela nave fixada em pinturas pelo citado artista da comitiva de Nassau. A razão é bem simples: na parede mista, de alvenaria de pedras e tijolos da nave, parte lateral, se encontrou o resto de um antigo altar, possivelmente maneirista, já comentado, o qual somente aí teria sido colocado, em reaproveitamento, vindo de outra parte da construção, mais antiga. Destê modo, assim considerando, é de se crer que antes da igreja vista por F. Post, outro edifício teria existido. Numa tentativa, que somente uma maior prospecção confirmaria, podemos dizer de três momentos do edifício: um primeiro, pertencendo àquela capela de Afonso Gonçalves, construção provisória, sôbre a qual reclamava ele os dízimos para melhor a ornamentar; um segundo, onde a capela se constrói em alvenaria de pedra, recebendo abóbada de alvenaria, esta de tijolos, correspondendo a atual capela-mor e finalmente o terceiro momento, aquele fixado pelo artista do período de Nassau, onde a capela se transforma em suas dimensões, construindo-se uma nave, com aproveitamento da capela antiga. Acreditamos ter sido essa ampliação provavelmente realizada nos últimos anos do século XVI, face a peça de pedra, do retábulo, encontrada no interior da parede. Não é de estranhar tal fato pelas razões que antes expusemos.

Pertencentes a igreja dos santos Cosmo e Damião são quatro painéis pintados sobre madeira, datados de 1729, dados

por esmola, e hoje expostos em um salão do Convento de Santo Antônio, de Igarapu .

Em um dos quadros, o oferecido em esmola pelo Reverendo Padre Felis Machado, a igreja dos Santos médicos, é apresentada em construção. Veem-se operários executando os mais diversos ofícios e a idéia básica da pintura é dizer da memória daquela vitória por sobre os índios, ocorrida no dia 27 de setembro, dia dos Santos, a quem a igreja foi dedicada. A igreja apresentada, ainda em construção, é vista de frente e nela estão visíveis certas diferenças na arquitetura representada fundamentais para a história do edifício. Em primeiro lugar, comparando com as pinturas de F. Post, elementos construtivos novos se destacam no frontispício da igreja. O pórtico é o mesmo apresentado pelo pintor holandês, mas, na altura do coro, podemos ver a existência de duas janelas e dois pequenos nichos. Com respeito ao telhado nada podemos adiantar, vez que a representação não vai além da cornija do início do frontão. (8)

A memória da reforma que o templo sofreu, após 1654, não estava presente para o pintor ou quem encomendou o trabalho. A igreja se encontra representada como se fosse a construída pelos primeiros habitantes lusitanos do lugar, ignorando-se sua forma anterior. A inclusão das janelas e dos nichos em tempo próximo ao da pintura já tinha caído no esquecimento e se incorporam tais elementos àquela igreja mais antiga. Assim acreditamos ter sido em um tempo muito próximo ao da saída dos holandeses da capitania a reforma, com inclusão dos referidos elementos.

A fisionomia da igreja, com frontão triangular, sem óculo, duas janelas na altura do coro e pórtico, situado no eixo do frontispício, não se constitui uma novidade , em termos de composição de arquitetura, naquela segunda metade do século XVII, quando acreditamos ter se modificado a igreja vista nos citados trabalhos artísticos de F. Post. Inúmeras são as capelas e

igrejas de tal tipo no Brasil, vez que esse modelo se consagrou na Europa e em muitas partes do mundo. O elemento de novidade na contrafacção se constitui na presença de dois nichos situados entre aquelas janelas do coro e destinados as imagens dos santos médicos, Cosme e Damião. De excelente desenho e feitura, eles dão ao todo da composição uma característica bem interessante e harmoniosa. A qualidade do trabalho, em pedra, nos diz que ainda nessa segunda metade do século dezessete haviam bons canteis. O pórtico da ordem toscana é bem delineado e baseado em tratados de arquitetura, sendo os perfis de muito boa lavra e desenho.

No livro, de autoria de G. Oscar Oswaldo Campiglia, titulado *"Igreja do Brasil"*, a estampa de número 214, reproduz uma fotografia da igreja dos Santos Cosme e Damião, da forma como ela estava antes das obras de restauração, procedidas em 1954 pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1º Distrito. Tal fisionomia deve ter sido resultado de reformas posteriores a 1729, considerando a data dos painéis antes referidos. Em uma análise do aspecto da igreja podemos, em uma tentativa, baseada nos elementos de arquitetura presentes no edifício, definir tempos dessas reformas: a torre seria do século XIX, primeira metade, ou, no mais recuado, finais do século XVIII, vez que o seu coroamento é bem do tipo que se vê nas igrejas de N. S^a da Conceição da Praia, em Salvador, ou N S^a do Rosário da mesma cidade, ambas as torres da segunda metade do século dezoito; Em Pernambuco tal coroamento ainda se utilizava no século dezanove; Os arremates da parte superior da fachada são de gosto bem daquela primeira metade do dezanove ou talvez de meados, porquanto a permanência de certos arcaísmos do Rococó era frequente em boa parte dessa centúria; as modificações introduzidas nas duas janelas do coro, que as transformaram em janelas com varandas, então de ferro, modificando inclusive as vergas retas em encurvadas, nos define bem o período das reformas como o século dezanove - o tipo de

acabamento dessas vergas as situam na primeira metade dessa centúria e o fato de terem varandas de ferro pode ser fruto de uma modernidade desejada, aí na segunda metade do mesmo século; a introdução de um nicho, na parte superior do frontispício, levou ao fechamento dos dois nichos anteriores de pedra, por razões que fogem à própria lógica mas, infelizmente, aceitáveis para a época da reforma, onde várias igrejas ostentavam esse tipo de solução no Recife; a galeria, do lado contrário a torre pode ter sido construída nessa fase das obras, que levou a tão profundas mudanças no todo da fachada. Com tais reformas a igreja não se identificava com aquela do quadro citado e que na altura da foto deveria ainda se encontrar apenas com o cômodo, situado ao lado da capela- mor e para o qual se tinha acesso desde a capela do cruzeiro.

O interior da igreja não era dos mais ricos em matéria de decoração típica do barroco. Germain Bazin , em sua obra monumental sobre o Barroco no Brasil (9) ao tratar da igreja dos santos médicos e se referir ao seu interior, assim se expressa: "*Na nave, lado da Epístola, abre-se uma grande capela cujo arco de entrada é revestido de talha de estilo D. João V com medalhões. Este trabalho se origina na escola dos entalhadores franciscanos do nordeste. Talvez seja até mesmo um fragmento da capela dos Terceiros do convento vizinho de S. Antônio, que para lá teria sido transferido por ocasião da demolição desta capela.*" (10). Este revestimento , infelizmente foi removido, quando das obras de restauração, em 1954, e transferido para o depósito do SPHAN, 1º Distrito, no Recife. O interior da igreja é bem sóbrio e nele predomina a linguagem do proto-barroco, talvez decorrente do próprio exterior. Os altares não são talvez os mais antigos, se os houve. Na sacristia um lavabo de calcário, de feitura brasileira, tem dois delfins e é bem de acordo com modelos comuns desse gênero de equipamento de sacristia. A igreja possuía boas peças de prata, lanternas e cruzes processionais, também desaparecidas.

A igreja dos santos médicos de presente não mais se encontra com aquela fisionomia que comentamos e vista na estampa do livro do Sr. Campiglia. O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1º Distrito, hoje Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, depois de passar por várias transformações, em 1954, realizou inúmeras obras na igreja, restaurando-lhe certas características, resultado de muitas decisões envolvendo alguns especialistas. O resultado de tais obras, pode-se ver, foi importante para o monumento e lhe deu maior valor, segundo a sua antiguidade.

3.A Restauração.

Criado em 1937, o SPHAN, não dispôs de muitos recursos financeiros para empreender obras de conservação e restauro em todos os monumentos que estavam sob sua guarda. Em Pernambuco, que sediava uma das representações da repartição federal, os trabalhos começaram pela conservação dos edifícios, naquela rubrica que compreendia obras de *"Reparos em monumentos"*. Assim os primeiros trabalhos tiveram por objetivo cuidar de que o acervo não viesse a sucumbir, vítima da ação do tempo e de outros agentes, qual o mais temido, as termites que destruíam, desde a madeira até os papéis preciosos dos arquivos das igrejas, por exemplo. Em Igaracú, cidade de muita importância para o 1º Distrito, lugar onde se situava um dos melhores conventos dos frades de São Francisco, embora não mais habitado por eles, se encontrava também a igreja, considerada pela tradição a mais antiga do Brasil, esta com um aspecto que não condizia com a fama. Este aspecto foi comentado no presente texto. Além desse dois monumentos, a cidade ainda podia assinalar as igrejas do Mártir S. Sebastião, e de N. S^a do Livramento e um notável casario de grande beleza. Poderíamos juntar aos edifícios importantes ainda a cadeia, hoje restaurada devidamente, as ruínas da Igreja de N. S^a da Misericórdia entre outros.

Diante de tal quadro o 1º Distrito iniciou obras no convento de Santo António e na igreja dos Santos Cosme e Damião. Não podemos definir uma data precisa para cada uma das ações do SPHAN, no entanto, seguramente elas foram mais intensas entre 1950 e 1960, com momentos de melhoras recurso e outros de cortes bem acentuados na minguada verba destinada a tais serviços. O Governo Federal nunca foi pródigo com a cultura, tanto mais quando o Ministério envolvia Educação e Saúde. Deste modo, somente com a iniciativa do ex-ministro João Paulo dos Reis Vellozo, é que a cultura veio a ser beneficiada nos devidos termos pelo governo central. Mas mesmo com tais considerandos o 1º Distrito, graças a atuação do Engenheiro Ayrton de Almeida Carvalho, tendo por Mestre das obras o Sr. José Ferrão Castelo Branco e seus auxiliares, muito se beneficiou Igaráçu.

A igreja dos santos médicos, além das obras de reparos e conservação, foi alvo de intervenções de certo modo bem profundas. Restaurou-se todo o telhado, renovando-se as telhas e o madeirame, refez-se o forro de madeira da nave e consertaram-se as esquadrias. O reboco foi todo renovado interno e externamente e do corpo da nave foram retirados inúmeros ossuários. Mas, a obra sem dúvidas de maior interesse foi a da fachada principal.

Ao se remover o reboco dessa fachada, descobriram-se, sob o mesmo, dois nichos de cantaria, aqueles representados na pintura que se guardava na igreja e já comentada. Por outro lado, as janelas de varandas, não eram desta forma e sim menores, mais uma vez idênticas as representadas na mesma pintura. Quanto a parte superior da fachada, o frontão Barroco, este cobria uma empena, o que restava de um outro triangular e clássico. Diante de tais evidências, o Distrito remete para o setor técnico, no Rio de Janeiro, a proposta de restaurar aquele aspecto visto no quadro de 1729. Não foi uma decisão rápida, vez que intervenções desse

tipo não se podia decidir de pronto. A restauração daquela contrafacção primitiva se fez, no que resultou a fachada que hoje se vê . Foi um passo muito importante no que se refere a teoria do restauro e definia a posição do SPHAN em relação ao problema das reconstituições de partes de edifícios mutiladas por intervenções posteriores e de, certo modo, de mau gosto. As obras de restauração realizadas pelo 1º Distrito foram consolidando certas atitudes em relação a tais intervenções e, como era natural, poderia levar a exageros não fosse a prudência da chefia da Regional. Na igreja dos santos médicos o interesse em garantir a unidade interior, talvez fruto daquela unidade obtida na fachada principal, levou à remoção de um notável arco, de madeira entalhada, que revestia uma capela do cruzeiro, citada pelo Historiador Germain Bazin. Na capela-mor, a remoção do reboco do intradorso da abóbada de berço revelou uma pintura mural, realizada sobre a massa, em técnica que não era o afresco, de excelente feitura e com características ainda presa dos inícios do Barroco. Tal pintura se assemelha àquelas que se encontram nas capelas intercomunicantes da igreja de Santa Tereza, parte do Museu de Arte Sacra de Salvador. É forma decorativa de enriquecer as abóbadas , não apenas no Brasil , mas também em Portugal. Os procedimentos de restauração tiveram muita importância no conjunto de ações que o próprio Distrito realizou em Igaraçu no Convento de Santo António, permitindo consolidar, em Pernambuco, teorias então em prática na Europa.

A igreja também veio a ser modificada na parte lateral , no corredor do lado da antiga Epístola, sendo substituído no beiral, a cornija por uma solução em tríplice telha.

A restauração, realizada naquela década, deixou o edifício em muito bom estado e com a fisionomia de acordo com aquela vista no painel pintado em 1729, mas é necessário que se diga, a partir de evidências encontradas nas prospecções procedidas durante as obras. Não houve documentação maior, exceto aquela

necessária para o envio do problema para o setor técnico no Rio de Janeiro e os relatórios normais do Distrito. Dos trabalhos realizados devem existir fotografias guardadas no Arquivo da repartição. Alguns desenhos se encontram no mesmo arquivo.

Notas

1) **MELLO**, José Antonio Gonsalves de, **ALBUQUERQUE**, Cleonir Xavier de , Cartas de Duarte Coelho a El Rei, Documentos para a História do Nordeste II, Imprensa Universitária, Recife, 1967, pags 22 e 23.

2) Op.Cit, pag 22.

3) As gravuras são as de seguinte títulos:

13. Civitas Formosa Serinhaemensis.

14. Pagus alagoae Australis.

In, **BARLAEUS**, Gaspar, História dos Feitos Recentemente Praticados Durante Oito Anos no Brasil e Noutras Partes, sob o Governo do Ilustríssimo João Maurício de Nassau Etc., Ora Governador de Wesel, Tenente General das províncias-Unidas sob o Príncipe de Orange, (com título, em edição em português, apenas de História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil), Tradução de Cláudio Brandão, Prefácio de José António Gonsalves de Mello, Prefeitura da Cidade do Recife, Secretaria de Educação e Cultura, Fundação de Cultura Cidade do Recife, Recife, 1980.

4) São as seguintes as pinturas de Frans Post que fixam Igarauçu e onde se vê a Igreja(outras são referentes ao Convento de Santo António):

31. Church of Sts. Cosmus & Damian(Igarauçu)

Panel 40 x 61cms.

Signed and dated F.Post 1659

(lower center)

Coll F.Kayser, Amsterdam(1888)
Rijksmuseum, Amsterdam, n.1905.
82.Saints Cosmus and Damian (Igaracú)

Panel 33 x 45 cms.

Signed F.Post (lower middle)

Coll Viscount Porto Seguro

Museu de Belas Artes

(Rio de Janeiro)

83.Saints Cosmus and Damian (Igaracú).

Panel 35 x 40 cms.

Signed F.Post.(lower righth)

Coll.J.Widener, Philadelphia

Art market, Buenos Aires(1955)

Octales Marcondes Ferreira, São Paulo.

85.Igaracú -Church and Coister Panel 43 x 58.5 cms.

Signed F.Post (lower left)

Coll. A Stein, Crans-sur Sierre

Os desenhos que correspondem as pranchas gravadas para o livro, citado, de Barlaeus, são os seguintes:

D.23-54.

Archetipae Delineationes Brasiliae regionum

33 x 51 cms.

The majority signed and dated:F.Post, 1645.

Pen and bistre or pensil.

Titles and étoffage in black ink.

Coll Hans Sloane, London 1753

British Museum, Print Departament, London.

In, **SOUSA-LEÃO**, Joaquim de , Frans Post 1612-1680, Livraria Kosmos Editora, Rio de Janeiro, 1973.

5)Segundo José Ferrão Castelo Branco, Mestre das Obras do SPHAN, foram encontradas mais de uma pedra, cerca de cinco, somente conhecemos uma, guardada no cômodo referido.

6)As pinturas e gravuras citadas na nota nº 4

7)A pintura de nº 85 da nota nº 4

8)Painel da memória votiva da Igreja dos santos médicos.Pintura a óleo sobre tábuas, medindo 148cm de altura por 242 cm de largura.Descreve a fundação da Igreja com a seguinte legenda:" *Vencidos os Indios pelos Portugueses em dia de SS. Cosme e Damião, em reconhecimento de tão grande benefício, no mesmo lugar da vitória, que foi este de Igarassu, fundaram logo este templo, o primeiro que houve em Pernambuco, e o consagraram aos gloriosos santos, donde foram sempre contínuas suas maravilhas, e debaixo da proteção dos mesmos Santos, fundaram esta vila, que tambem foi a primeira Ita.P.Raf.de J.F.B in Cast.Lus.l.I n.15 e para maior memória se mandou por este quadro no anno de 1729, e o deu de esmola o R.Ldo.Felis Machado Fr.Coadjutor do Recife."*

A Igreja é também apresentada , então de lado, em outro painel, titulado " *Depois dos holandeses terem saqueado esta vila de Igarassu no anno de 1632 tornando a ela no tempo em que estavam povoando Itamaracá a buscar a telha de algumas casas e igrejas para as fábricas, que faziam, indo a destelhar tambem esta igreja Matriz de SS.Cosme e Damião, o não puderam conseguir porque dos que subiram uns ficaram cegos, outros mortos.Ita Com.Frad. E para memória se pôs este quadro no ano de 1729, que deu de esmola o R.Padre Manuel Barros Valle.*

9)BAZIN, Germain, A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil, Editora Record, Rio de Janeiro, 1983.

10)op.cit. Vol.II pag.123.

✉ rua Sigismundo Gonçalves, 171, Cordeiro, Recife, PE.